

Angela Teodoro Grillo

O losango negro

**Mario de Andrade,
intérprete do Brasil**

Cobogó

Sumário

Revisitando Mário de Andrade pela ótica da vida negra por Mário Augusto Medeiros da Silva	13
Negro-vida no olhar brasileiro de Mário de Andrade	17
I. Encruzilhadas e losangos no pensamento de Mário de Andrade	43
O losango negro: Caminhos abertos	45
A voz e o olhar poéticos negros em <i>Lira paulistana</i>	55
II. (Re)conhecimento de Nêmesis: O conCerto do negro brasileiro	65
O poeta e o pintor “mulatos”: Narcisos às avessas	83
III. “Poemas da Negra”: Raça, gênero e afeto no auge do lirismo amoroso de Mário de Andrade	93
O etnógrafo e o poeta: Pesquisa e ruptura com a tradição da poesia de “senhor de engenho”	116
Outras musas: Maria e Amiga, imagens poéticas de sofrimento e de gozo amorosos	126
A musa de azeviche: O amor como completude	141
IV. O losango negro ultrapassa a criação poética	159
Celebração [interrompida] da Consciência Negra no Cinquentenário da Abolição	167
“Estudos sobre o negro”: O racismo no Brasil na perspectiva de Mário de Andrade	177

V. <i>Black lives matter</i> em “Nova canção de Dixie”	185
“l’ll never never be in colour line land”:	
A recusa categórica	199
A terra (não) ideal: A inversão da tópica poética	203
Flashes da história dos EUA na criação do poema antirracista de Mário de Andrade	209

DOSSIÊ

Textos de Mário de Andrade

Romance do Veludo	217
--------------------------	-----

Estudos sobre o negro	227
------------------------------	-----

Cinquentenário da Abolição [1938]	229
-----------------------------------	-----

A superstição da cor preta [1938-1942]	256
--	-----

Linha de cor [1939]	265
---------------------	-----

Bibliografia de Mário de Andrade para <i>Estudos sobre o negro</i>	271
---	-----

Plano para a comemoração do Cinquentenário da Abolição em São Paulo [1938]	283
---	-----

Sugestões para a comemoração do Cinquentenário da Abolição [na capital federal - 1938]	291
---	-----

A expressão musical dos Estados Unidos [1940]	301
--	-----

Agradecimentos	329
-----------------------	-----

Sobre os livros da Encruzilhada	331
--	-----

Revisitando Mário de Andrade pela ótica da vida negra

A “ideia de interpretação do Brasil” é algo que se tornou motivo de discussão entre muitos pesquisadores (e um número menor de pesquisadoras) ao longo da história intelectual do nosso país, para poder organizar uma espécie de cânone de autores que pudessem explicar e dizer o que nós, enquanto país, fomos, somos ou seremos. Há diferentes camadas de problemas nisso, a começar que esse conjunto de autores esteve vinculado à população branca, masculina, da classe dominante e heterossexual, com experiências portanto bastante particulares que se tornariam assim universais para uma sociedade bastante heterogênea.

Desta forma, interpretar o Brasil, se fixarmos o debate no século XIX, após 1808 ou 1822 — ou seja, entre a chegada da família real e a transposição do poder metropolitano para a colônia, de um lado; e, de outro, pela independência —, esteve de várias maneiras circunscrito àquelas experiências de gênero, raça, classe e região numa sociedade em que a esfera pública da vida intelectual também foi constrangida por questões profundas da vida local, em diálogo transnacional: a modernidade capitalista, criadora e criatura da escravidão e do colonialismo; um processo abolicionista complexo, cujas consequências ainda podem ser sentidas entre nós; uma enorme dificuldade de conviver com os conflitos oriundos da cidadania e da experiência republicana, de forma democrática. Os denominados intérpretes mais lúcidos — conservadores ou progressistas — da

nossa vida em comum jamais deixaram de enfrentar tais questões, oferecendo diagnósticos e balanços variados a respeito delas.

Com todas as críticas importantes que possam ser feitas a esses autores, de Sílvio Romero a Gilberto Freyre, de Raimundo Nina Rodrigues a Roger Bastide, de Caio Prado Jr. a Florestan Fernandes, de Alberto Guerreiro Ramos a Clóvis Moura, por exemplo, há caminhos interessantes. O número de intelectuais é considerável. E mesmo que, para alguns, a ideia de ser um intérprete ou considerado como um tenha perdido seu uso, é interessante verificar a possibilidade de alargamento do cânone, atravessada por outras experiências de gênero, raça e classe — quando intelectuais mulheres, negros, indígenas, homossexuais, pessoas com deficiência passam a figurar nessa disputa, trazendo ressignificações de interpretações antigas ou novos aportes.

O trabalho de Angela Teodoro Grillo sobre Mário de Andrade segue essa pista, acompanhando novas miradas no âmbito dos estudos sobre pensamento social brasileiro, das possibilidades de revisitar criticamente o projeto modernista paulista e também de reposicionar um intelectual da estatura de Andrade com questões que historicamente lhe foram secundarizadas ou blindadas. A autora vem perseguindo o tema há anos, dedicando-se a pesquisas no arquivo do escritor e homem público que foi Andrade, colocando-o em situação política e cultural para além de aspectos biográficos. A obra de Mário de Andrade é polifônica, como muito da sua fortuna crítica e ele mesmo vocalizou — “*sou trezentos, trezentos e cinquenta*” — e, entre essas vozes, lá está a experiência negra, da epiderme do autor aos seus compromissos analíticos e políticos.

Grillo recupera a imagem dos losangos da capa de *Paulicéia desvairada*, para retomá-la aqui mudando a cor da figura geométrica, o que não é algo menor. O losango é uma figura fundamental no espaço como uma forma que possui ângulos iguais. Ao colocar a dimensão negra em seus lados, a autora sugere desde o título possibilidades

analíticas de tal experiência política e cultural de uma parte significativamente subalternizada da população brasileira. Ao explicitá-la na obra de Andrade, demonstra de forma indiscutível o quanto a experiência negra ocupou os trabalhos de Mário de Andrade, como intelectual e como político, dado seu diálogo sincrônico com pesquisas sobre a cultura popular e o nosso folclore, o seu vívido interesse por discutir cenários do pós-abolição — chegando a dialogar com a Frente Negra Brasileira em São Paulo —, os seus estudos sobre “o negro”, figurando aí textos fundamentais como aquele acerca do samba rural paulista; seu debate com intelectuais do projeto modernista a respeito da experiência negra ou mesmo a sua crítica a respeito da experiência segregacionista de uma sociedade parecida com o Brasil, como os Estados Unidos, resguardando-se daquilo que ele mesmo era lateralmente vítima: o preconceito de cor.

A vida negra não fugiu, portanto, às lentes de Mário de Andrade. Cabe perguntar por que, durante tanto tempo, isso não foi devidamente explicitado. Um livro como o de Angela nos ajuda a descobrir as razões. Tanto quanto seu garimpo arquivístico, é de se valorizar a clareza narrativa da autora e sua forma de exposição analítica. E menos que questões acusatórias, a autora oferece percursos muito instigantes para que novos olhares possam ser lançados acerca da obra deste intérprete ressignificado do Brasil, que pode ser mirado com questões contemporâneas e com problemas irresolutos, ainda, em nosso tempo.

MÁRIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA

Sociólogo e Professor Livre-Docente da Universidade
Estadual de Campinas, Unicamp